

**Estéticas do Aborto.  
A presença do lenço verde na luta pela descriminalização**

English title

*Abortion aesthetics. The presence of the green handkerchief in the struggle against criminalization*

PhD. Cristina Thorstenberg Ribas<sup>1</sup>

Resumo: O artigo faz uma primeira exposição de uma pesquisa em processo que procura analisar e mobilizar as estéticas do aborto (os modos expressivos que surgem ao redor da luta pela legalização e contra a criminalização e que relatam experiências de aborto). No presente apresento artigo a “passagem” do lenço branco das Madres de la Plaza de Maio, que se torna lenço verde na luta pela legalização, primeiramente na Argentina e depois internacionalmente. A pesquisa analisa a violência heteropatriarcal em relação aos direitos reprodutivos como um todo e percebe a emergência do signo verde no fluxo consciente/inconsciente [visível/invisível; sabido/secreto; público/não publicizado], tomando o espaço público, apresentando a transversalidade dessa demanda entre os movimentos feministas e a multiplicatória invenção de signos, corpos, eventos e mais.

Abstract: The article makes a first presentation of an on going research that seeks to analyze and mobilize the aesthetics of abortion (the expressive ways that arise around abortion experiences and struggle for legalization and against criminalization of abortion). In this article I present the “passage” of the white *handkerchief* of the Madres de la Plaza de Maio, becoming the green scarf in the struggle for legalization, first in Argentina and then internationally. The research analyzes heteropatriarchal violence in relation to reproductive rights as a whole and perceives the emergence of the green sign in the conscious / unconscious flow, taking over the public space, presenting the transversality of this demand between feminist movements and the multiplicity of invention of signs, bodies, events and more.

Palavras-chave: aborto, estética, feminismo, lenço verde, multiplicidade

Key-words: abortion, aesthetics, feminism, green handkerchief, multiplicity

“Educação sexual para decidir,  
conceptivos para não abortar,  
aborto legal para não morrer.”  
Luta internacional pela legalização do Aborto

---

<sup>1</sup> Cristina Thorstenberg Ribas. E-mail: cristinaribas88@riseup.net

Diversas manifestações e expressões de resistência a partir de movimentos feministas mais ou menos organizados tem centralizado na descriminalização do aborto uma de suas bandeiras mais fortes. O 'pañuelo' verde (lenço verde) tem alcançado ampla disseminação e, junto da pauta que ele carrega, o símbolo evidencia que as semióticas dos movimentos atravessam os tempos, reunindo momentos históricos distintos, e também são uma maneira possível de pensar contemporaneamente a estética. Refiro-me aqui a uma estética das expressões, das formas de expressão, quebrando dicotomias entre signo, obra e corpo, entre individualidade e coletividade. O contexto de produção que assinalo aqui se situa, portanto, na expressão estética das multiplicidades feministas. Percebo que as formas de expressão que surgem ao redor das defesa pela legalização do aborto povoam uma multiplicidade: vidas, formas de relacionar-se, direitos reprodutivos, *corpas*<sup>2</sup> dissidentes. Neste contexto são fomentados também espaços que borram ou atritam estéticas circunscritas aos espaços de enunciação da arte.

*Estéticas do aborto* é uma pesquisa em processo de manifestações e expressões estéticas que relatam experiências de aborto e demandam sua legalização, analisando a violência heteropatriarcal em relação aos direitos reprodutivos como um todo (no fluxo consciente/inconsciente), e a transversalidade dessa demanda entre os movimentos feministas. Estéticas do aborto é, inevitavelmente, também um dispositivo de escuta.<sup>3</sup> É crucial para essa pesquisa entender de que forma as novas constituições políticas e o trabalho turbilhonar dos signos no movimento feminista pró-legalização abarcam a estatística que marca o aborto: mães (2/3 dos casos), mulheres indígenas e mulheres negras são as que mais abortam no Brasil. Portanto é pertinente perguntar a partir de que corpos vemos a luta contra a criminalização e pró-legalização, e analisar se as expressões estéticas das lutas pró-aborto estão dando conta (também) de representar essas vidas, algo que não darei conta neste texto.

A luta contra a criminalização tem surgido com mais força em meio às mobilizações e movimentos feministas nos últimos dez anos na América Latina (escopo que consigo tentar dar conta com esse texto). A luta pela descriminalização é também a luta por direitos reprodutivos, uma questão de saúde pública. A aparição do verde como cor significativa dessa luta acontece em 2003, no Encuentro Nacional de Mujeres en Rosario (Argentina), segundo a pesquisadora Carolina Muzi (2019). Neste momento a cor lilás já marcava o movimento feminista internacional, mas a luta contra a criminalização ainda não tinha uma identidade específica. O verde se tornará alguns anos

---

2 O conceito de *corpas* vem sendo aplicado por diversas mulheres e por comunidades queer como forma de sinalizar a dissidência ou o não binarismo de gênero e como forma de singularizar a experiência.

3 Como pesquisa em processo apresento aqui um recorte relacionado ao lenço verde. Nesta pesquisa me situo não só como artista e como pesquisadora, mas também com minha própria experiência com abortos – assim como com a maternidade.

depois o lenço “verde-aborto” (em 2017), aprendendo da luta das Mães e Avós da Praça de Maio, que desde 1977 reclamam a desapareição de seus filhos (e netos) em meio à ditadura da Argentina. Elas tem o lenço branco como signo mais unitário da sua luta. “Somos *madres* de 30.000 (desaparecidos)”, elas dizem. O lenço branco vem do “pañal”, literalmente fralda em castelhano, que passa a ocupar as cabeças, primeiro com o bordado do nome dos filhos desaparecidos, a data, e sua ocupação. Ana Longoni escreve: “E é, como a fralda, recipiente de fluidos corporais íntimos, que se deseja conter, esconder // revisar ou esconder (lágrimas, suor e muco)”<sup>4</sup>. O lenço branco, como marca filogenética, invoca os filhos arrancados pelo estado. Por outro lado, o movimento conservador demanda que deve haver filhos que sejam forçados a nascer. A “socialização da maternidade” nas ruas de trinta anos atrás não é, contudo, para as *Madres e Abuelas*, a maternidade compulsória, é a socialização sobre a condição colocada pelo opressor – como aquele que impõe o direito de quem pode morrer e quem pode viver. O que deve estar em jogo, antes, é o direito a decidir.

Como se interpelam a violência do estado no corpo da mulher, os processos de resistência e novos signos que emergem? Que narrativas dão conta dessas invenções? A defesa da vida para o(a) conservador(a) é uma. A defesa da vida para as lutas feministas é outra – como dizem as autoras Casilda R. Bustos e Ana Cachafeiro Viñambres: “defendemos o aborto como um mal menor que o sofrimento ao qual leva o nascimento sem desejo” (2007, p. 215). A perda da capacidade de decisão é uma marca histórica da dominação sobre o corpo da mulher, dominação que produz o próprio gênero (como afirmam Rita Segato, 2018 e Maria Galindo, 2014). O cartoon de Caro Jago mostra bem isso – como assim a mulher pode decidir (se aborta ou não), se para o patriarcado ela sequer existe?

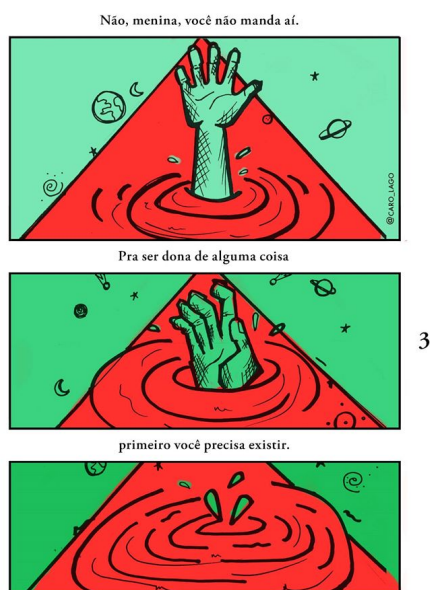
A tutela sobre a vida substanciada em algo imaterial torna-se uma vida capturada. As formas de controle se enunciam por meio de vários signos, gestos, políticas. (Na Argentina se produziu o lenço azul celeste, em contraposição à multiplicação multitudinária do lenço verde-aborto). As formas de controle apresentam os discursos morais que projetam e replicam imagens ideais e sobretudo incorpóreas, a mulher como corpo vulnerável, estável, replicado, e um feto substanciado, como signo da fragilidade a ser protegida, transcendentalmente. As formas de controle e de produção da violência de gênero criminalizam a vida (e o corpo) *daquelas* que julgam estarem fora de seus padrões morais.<sup>5</sup> Não estamos, portanto, longe da estético-política. OU seja... de uma

---

4 “Pañuelos: de cómo las Madres se volvieron feministas y las feministas encuentran Madres” (texto inédito, acessado para essa pesquisa com autorização da autora.)

5 Em outro texto já escrevi sobre o aborto do estado heteropatriarcal (Feminismos Bastardos. Feminismos tardios. São Paulo: n-1, 2019).

agenciamento de identidades, imagens, imaginários...



Caro Jago. *Cartoon*. Sem data. Fonte: Campanha Pró-legalização do Brasil (internet).

Resistindo às concepções de vida substanciada a ser defendida e às identidades sociais que a polaridade conservadora projeta, as perspectivas feministas tem se posicionado precisamente, turbilhonando signos e formas de expressão contra o comportamento regimentar, repressor.<sup>6</sup> Para além da discursividade política, da articulação incessante de grupos, assembleias, protestos, os movimentos feministas e artistas feministas tem inventando uma infinidade de modos expressivos: de blocos de maracatu e carnaval a exposições, festivais, congressos e mais. Nesse movimento, demanda-se que úteros, vulvas, vaginas e clitóris sejam expostos sem segredo em meio aos corpos. Feitos públicos, são bordados, pintados, esculpidos. Interpeladas também a partir de seus corpos coletivos - na perspectiva dos devires (Rolnik, 2011; Olivar, 2013). As coletividades feministas e pró-aborto legal elencam, por isso, a transformação estética como parte de uma relação intersubjetiva e transgeracional. Uma relação entre signos, tempos, lutas políticas e modos de existência.

*Ni una Menos* da Argentina explodiu este signo que se torna central: o lenço verde, aprendido das Madres de la Plaza de Mayo. O lenço das Madres, originalmente branco, aqui se torna verde – lenço pela legalização, contra a criminalização. A amplitude de disseminação desse

<sup>6</sup> Isso não quer dizer que não existam diversas diferenças e formas de controle que se perpetraram 'dentro' dos movimentos feministas eles mesmos. Em vários contextos diferentes, por exemplo, polaridades se estabelecem entre aquelas que se definem feministas por uma biologia/fisiologia – mulheres cis, e que se posicionam contra a transgeneridade.

signo ganha literalmente o mundo – mundos povoados por comunidades de feministas, situadas no Sul Global ou migradas para outras partes. O lenço para ser colocado sobre a cabeça, amarrar no pescoço, no punho, no braço. Lenços nas ruas, em manifestações, nos braços levantados em riste, lenços em tamanho gigante em estátuas públicas. O signo-triângulo-lenço-verde evidencia a potência de um signo no regime de visibilidade de algo forçado à ilegalidade, à invisibilidade, ao silêncio – a experiência do aborto. Se pode pensar por meio desse signo também a experiência do aborto das *hijas*, e das *nietas*, o silenciamento patriarcal sobre esse controle ao corpo das mulheres que se coloca contra o direito de escolher. Como escreveu a pesquisadora Milena Costa de Souza (2017) “ser mulher é constantemente limitado a ter um útero e ter um útero cerceia as decisões individuais sobre o próprio corpo.” Ao passo que o útero se mantém 'dentro' (revertendo a organicidade dessa opressão) o triângulo-lenço se expressa num fora. Um fora coletivo, atravessando as ruas e os espaços produtivos que estão atentos à estética como forma de resistência e vidas e corporeidades dissidentes.



[imagem manifestação com lenço verde na rua]

Manifestação nas ruas da Argentina. Fonte: Campanha Pró-legalização da Argentina (internet)

Enquanto que nos circuitos institucionais de produção artística os temas feministas ainda vem ganhando terreno lentamente<sup>7</sup>, circuitos de espaços auto organizados, residências artísticas e festivais tem dado conta de ancorar a produção que vai tratar de forma mais explícita as tutelas sobre as identidades femininas, feminismos e a favor do aborto. A artista carioca Aleta Valente, por exemplo, tem falado de aborto há algum tempo, tendo criado uma “linha de escuta” durante um mês

<sup>7</sup> Algumas historiadoras colocam uma exposição no MAM Rio de Janeiro com curadora de Heloisa Buarque de Holanda como primeira exposição feminista no Brasil (2005).

para apoiar mulheres que precisassem contar da experiência.<sup>8</sup> Ela criou também uma espécie de questionário em exposições de arte (“Marque com um x quantos abortos você já fez”) e uma camiseta com a imagem do comprimido Cytotec, usado para estimular o trabalho de parto, e também como abortivo. Aleta precisava colocar em evidência algo que marcou sua vida, assim como marca a vida de muitas mulheres, visto que o aborto marca emocionalmente e materialmente a vida de mulheres. Visto que a invisibilização do aborto não acontece apenas por conta da sua criminalização, mas por uma carga moral impressa sobre o aborto, obras como a de Aleta vem reivindicar que é preciso poder falar sobre o proibido que foi construído em relação ao direito de decidir, e em relação a experiências concretas de aborto.

Mujeres Creando, grupo ativista da Bolívia criou um “Espaço para Abortar”, instalado no piso térreo do pavilhão da Bienal de Arte de São Paulo, em 2014. Desde o dia de abertura elas escutavam relatos de mulheres.<sup>9</sup> Maria Galindo, uma das criadoras do grupo, disse que ainda que pautas feministas sejam apoiadas por partidos progressistas, a descriminalização do aborto ainda não é levada a sério “já que todos (partidos políticos e movimentos sociais) estariam no mesmo balcão de negociações”. Na Bienal, atentas aos efeitos dissonantes que a instalação iria criar, o grupo construiu um “casulo-útero” móvel (Costa de Souza, 2017), que foi carregado por duas mulheres por vez, em uma espécie de procissão. Vestir esse útero-tecido transparente me faz pensar nos pañuelos, como escreve Longoni sobre as Madres: “al cubrirse la cabeza con el pañuelo/pañal blanco las Madres no se esconden sino que se erigen públicas, y convierten su dolor y su llanto íntimos en una potencia política colectiva.” Esse potência política coletiva é o que conclama também Mujeres Creando, para quem a rua como espaço público a ser reclamado, é dotada de efeitos imprescindíveis aos feminismos, contra os machismos, patriarcalismos, racismos. Não havia um útero propriamente dito na instalação ou mesmo o lenço verde. Mas duas pernas abertas, com uma vagina e uma projeção de lábios vaginais prateados. Esse corpo sem centro me faz pensar também em como é de uma experiência coletiva que se tratam esses agenciamentos.

A emergência do lenço verde transpõe com sua força sintética de signo, sem sobrepôr as singularidades. A proliferação narrativas e imagens, em que signos são turbilhoados me faz pensar na produção do inconsciente (Guattari, 1988), longe da dicotomia do inconsciente como o desconhecido e o consciente como o dado socialmente (representado), mas também... Para além de pensar o inconsciente como repositório pré-formado, produzir inconsciente, e um inconsciente

---

8 Aleta Valente. “Feliz Dia da Maternidade Compulsória” <https://medium.com/@aletavalente/feliz-dia-da-maternidade-compuls%C3%B3ria-4059e63c0ae0> (14/05/2017)

9 Mujeres Creando, mais que um grupo de ativistas, é um projeto de acolhida a mulheres em situação de vulnerabilidade. São famosas pelos enunciados que replicam nos muros das casas de La Paz, tais como “para ella la culpa, para él la disculpa”. <http://mujerescreando.org/>

descolonizado (Rolnik, 2016), novos desejos só podem emergir da potência desobediente dessas multiplicidades que se constituem. Produzir inconsciente significa, nas estéticas do aborto, produzir repertório capaz de modificar nossa percepção do mundo, nossa própria voz e corpo. Paul Preciado (2011) fala muito bem dessas mutações. Se trata sem dúvida de inaugurar subjetividades que estejam ancoradas em reversões de opressões históricas, na viragem de pautas que são confundidas pelos conservadores, já que aborto é acusado de ser a negação máxima do cuidar. Nesse movimento, novas constituições políticas apresentam transformações que não estão separadas de processos estéticos multiplicatórios, cujos signos pedem análises e poéticas, visto que tem força para serem reprojatados e atualizados, colocando em cheque o repertório estabelecido em certas formas políticas consolidadas, e da própria estética no seu escopo de estudo, pesquisa e produção.

### **Bibliografia:**

Bustos, Casilda Rodrigáñez & Viñambres, Ana Cachafeiro, *La represión del deseo materno y la génesis del estado de sumisión inconsciente*. Barcelona: Ediciones Crimentales, 2007.

Costa de Souza, Milena. “Mujeres Creando: um espaço para abortar na 31a. Bienal de São Paulo. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

Guattari, Félix. *O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Editora Papirus, 1988.

Galindo, Maria. *¡A despatriarcar! Feminismo urgente*. Buenos Aires: La Vaca, 2014.

Muzi, Carolina, “La historia del pañuelo verde”, en *Infobae*, Buenos Aires. Disponível em <<https://www.infobae.com/cultura/2018/08/05/la-historia-del-panuelo-verde-como-surgio-el-emblema-del-nuevo-feminismo-en-argentina/>>

Olivar, José Miguel Nieto. *Devir-puta: Políticas de prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Preciado, Paul, 2011. *Quem defende a criança queer?* Tradução de Fernanda Nogueira. Disponível em: <http://desarquivo.org/node/1704>. Acesso em: 24 de jan. De 2019.

Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre, RS: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

Segato, Rita. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

### **Bio:**

**Cristina Thorstenberg Ribas.** Trabalha como artista, pesquisadora e gosta de escrever. É pós-

doutoranda no PPGAV Instituto de Artes da UFRGS (CAPES PNPd), e doutora pelo Goldsmiths College University of London (2017). Integra o grupo de pesquisa Epistemologias Afetivas Feministas e a Red Conceptualismos del Sur. [Desarquivo.org](http://Desarquivo.org)